VIVER A TESE É PRECISO! REFLEXÕES SOBRE AS AVENTURAS E DESVENTURAS DA VIDA ACADÊMICA

Maria Ester de Freitas
Professora e Pesquisadora do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da FGV-EAESP.
E-mail: mfreitas@fgvsp.br

SOMOS TODOS IGUAIS NESSA TESE...

Viver uma tese é uma arte!

Por que alguém faz uma tese? A resposta mais óbvia é a de que você escolheu um curso em que ela é uma exigência. Se você quer o título e os potenciais benefícios que ele proporcionará, não tem alternativa, terá que fazê-la! Muitas vezes, o título é visto apenas como um requisito burocrático para ingresso ou promoção na carreira acadêmica. É verdade que ele é isso também, porém, se reduzido a isso, você pagará um preço mais caro do que talvez esteja disposto e há aí o risco de desistir no meio do caminho.

Considerando que a carreira acadêmica é mais que dar aulas, é necessário que você tenha clara a diferença entre desenvolver uma carreira ou apenas ter um emprego como professor. Você pode ter um emprego como professor e exercê-lo bem, mas, se a escolha for de profissão, e não de mero emprego, o trabalho acadêmico vai, necessariamente, incluir a pesquisa, a investigação, a ousadia e o risco de não apenas repetir as idéias de outros, mas também desenvolver as suas próprias e, posteriormente, ajudar na construção das de seus alunos. Dessa opção decorrem outras e outras, nem sempre fáceis.

É NECESSÁRIO QUE VOCÊ TENHA CLARA A DIFERENÇA ENTRE DESENVOLVER UMA CARREIRA OU APENAS TER UM EMPREGO COMO PROFESSOR.

Estou firmemente convencida de que a natureza do trabalho acadêmico determina boa parte das situações que vivemos na época da tese e as exigências emocionais que se nos apresentam. Ela é um projeto especial, sem demérito aos demais, que mobiliza todas as forças do sujeito, pois trata-se de uma tarefa anti-social e excludente, desestabilizadora de certezas intelectuais, comportamentais e emocionais, desenvolvida em longo prazo.

Esse conjunto de características torna o trabalho extremamente gratificante quando concluído, pois ele consome e produz uma grande dose de energia psíquica e exige enorme tolerância à ausência de *feedbacks* imediatos, além de impor uma severa cobrança de exclusividade, difíceis de suportar por tempo tão longo.

Uma tese presta-se a várias finalidades, inclusive a burocrática acima mencionada. Ela também preenche uma função social, a de avançar no conhecimento de um certo assunto. Qualquer que seja o tipo de trabalho desenvolvido, sempre acrescentará algo ao estoque existente. A mais modesta das teses representa mais uma contribuição ao saber, seja pela inédita perspectiva que explora, seja pelo novo olhar que lança sobre uma bibliografia clássica, ela significa sempre mais uma possibilidade de provocar novos *insights*.

Tem-se ainda que considerar que a tese é parte indissociável da formação de um pesquisador e que este será um elemento multiplicador onde quer que ele esteja: na academia, no laboratório, na empresa, no governo, nas comunidades científicas. A reivindicação de genialidade para toda e qualquer tese não se sustenta, pois a tese se justifica pelo potencial de mudança que propiciará. Estou defendendo a mediocridade? Em absoluto! A mediocridade não resiste ao rigor metodológico necessário, pois ela é escapista, indisciplinada, arrogante e impaciente.

Após ter vivido uma dissertação e uma tese, acompanhar vários amigos e colegas imersos nesse trabalho no Brasil e exterior, há quatro anos (ainda sou noviça) orientar mestrandos e doutorandos, ouvir estórias de todas as cores, dores, estranhezas e esquisitices, parece-me que todos os fazedores de tese passam mais ou menos pelos mesmos caminhos, dilemas, fugas, atalhos, tentações, manias de perseguição e medos.

O objeto de estudo é absolutamente irrelevante, pode ser um modelo matemático, um novo planeta, a ética nos negócios, mulheres em empresas familiares, doença nos testículos do boi, a fermentação de um vinho, uma âncora cambial, uma viúva-negra ou aranha ordinária. Tampouco importa se você é brasileiro, alemão, russo, francês, argentino, japonês (aqui a diferença é do nível de exigência do sistema escolar)... Dá tudo no mesmo, variando apenas em grau: o que nos irmana é o processo. Todos os fazedores de tese são cúmplices e comadres quando o assunto é a tese, pois partilham do mesmo código e do mesmo delírio. É a pretensão deste artigo desvendar parte desse processo e é aos fazedores de tese e a seus orientadores que dedico este trabalho. Nele exerço a minha cumplicidade, porém jamais a complacência.

UMA TESE PRESTA-SE A VÁRIAS FINALIDADES. ELA TAMBÉM PREENCHE UMA FUNÇÃO SOCIAL, A DE AVANÇAR NO CONHECIMENTO DE UM CERTO ASSUNTO.

COMO ERA VERDE O MEU VALE NA ÉPOCA DOS CRÉDITOS!

Diz o Mário Prata, em uma crônica belíssima publicada em *O Estado de S. Paulo*, em 1998, que se faz tese na Sorbone desde 1257; em Coimbra, mais moderna, desde 1290. Ele diz que ouviu dizer... Se é verdade que toda tese tem uma história, então, estes mais de 700 anos de tese dariam um bom depoimento humano... Mas a quem interessa isso? Talvez só aos fazedores de tese. Refiro-me aqui a quem faz o trabalho seriamente, e não aos picaretas e aproveitadores que hoje vendem ou compram tese. A estes desejo punição e dedico um profundo desprezo.

Algumas dores são tabus! Fazem parte daquela zona proibida, sobre a qual ninguém fala ou escreve, ainda que sinta ou perceba que está sendo sentida pela pessoa do lado. O aluno que está fazendo tese é sempre um incompreendido ou pensa que é. Pensa que é o único que se sente daquele jeito, que a sua dor é única e que ninguém passou, está passando ou passará por aquilo. Aqui, o inferno é só nosso, imaginamos!

Mas é maravilhoso quando encontramos alguém para confabular sobre a nossa exclusiva "infelicidade" e descobrimos que o outro está no mesmo caldeirão quente. A partir dessa hora, temos um código comum: "estamos fazendo tese". Tornamo-nos íntimos instantaneamente, conspiradores e cúmplices e a conversa se torna inacessível para os estranhos, que não sabem o que é: o objeto, o quadro ou o marco teórico, o conteúdo, a metodologia, empirismo, qualitativa, paramétrica, correlações, temática, hipóteses e pressupostos... Uma nova categoria lingüística estabelece-se. Além do jargão institucional: o programa ou o ppg ou a pós, o orientador, as siglas dos órgãos de fomento à pesquisa, as siglas dos congressos de área, a bolsa-sandu-

íche... E, acima de tudo, os prazos, os prazos e os prazos. Mas, o que é isso, afinal?

No princípio, era a solidão; agora, é a confraria... Sentimo-nos tentados a dividir as pessoas entre as que fazem tese e as que não fazem. Acreditamos, e penso mesmo que é verdade em boa medida, que toda tese deixa uma marca na alma de seu autor que só pode ser decifrada por alguém que tem uma parecida. Se você tenta explicar o que é fazer uma tese para um leigo nesse aspecto, haja paciência de Jó, pois, se o ouvinte estiver mesmo interessado, é quase certo que você ouvirá algumas perguntas indesejadas: "O que é que você viu nesse assunto? Isso vai servir pra quê? Por que você vai gastar esse tempo todo se isso não vai dar dinheiro? Você não pode fazer um negócio mais simples? Faz alguma diferença para o mundo se você fizer isso? O que acontece se você não fizer? Por que você fica tão nervoso com isso, é só um trabalho como outro qualquer?"

Por aí vai... A gente tem sempre a sensação de que precisa legitimar o nosso interesse, a importância do nosso objeto e, pior, legitimar a nossa dor. Somos acusados de exagerados, melodramáticos, masoquistas, carentes dissimulados, o que, às vezes, também é verdade! Vamos ficando esquisitos e nem nos damos conta, mas olhares do exterior percebem e sussurram: "coitado, tá fazendo tese!" Ás vezes, nem sabem o que diabos é isso, mas sabem que alguma coisa acontece naquele coração. Por que acontece?

Ora, todos nós somos talentosos, mas nem todos os talentos são distribuídos por igual. Felizmente, o mundo precisa de tudo, e algumas pessoas fazem melhor certas coisas do que outras. Desenvolver uma tese é um ato criador que, além de conhecimentos gerais e específicos, exige uma paciência que nem todos estão dispostos a exercitar. Criar alguma coisa significa ter humildade e disponibilidade psicológica para tentar, expor-se, errar, recomeçar, modificar, experimentar, observar. Também é verdade que algumas pessoas conseguem lidar mais facilmente com os diferentes estados de espírito e exigências da tarefa, pois suportam mais facilmente o não-reconhecimento, agüentam a frustração com maior perseverança, reciclam o erro mais rapidamente, toleram uma crítica com maior esportividade, aceitam refazer algo com maior humildade e menor desespero e conseguem suportar a sua própria chatice com mais paciência.

A NATUREZA DO TRABALHO ACADÊMICO DETERMINA BOA PARTE DAS SITUAÇÕES QUE VIVEMOS NA ÉPOCA DA TESE E AS EXIGÊNCIAS EMOCIONAIS QUE SE NOS APRESENTAM.

Trazemos em cada um de nós estranhos personagens de nós mesmos, que estimulam, instigam, censuram, cerceiam, julgam, condenam e absorvem as nossas criações materiais e intelectuais. Às vezes, esses estranhos e íntimos personagens que fazem parte de nossa vida psíquica (chamo-os de racional-analítico, hedonista, censor e idealista irrigados pelo emocional) se alternam, e um ou alguns deles predominam sobre os demais. Por esse motivo, vivemos momentos de grande indulgência ou outros de extrema severidade em relação a qualquer tarefa criativa e desafiadora. Uma tese tem a rara capacidade de suscitar nossos anjos e demônios, que são revelados a nós e aos que nos rodeiam.

Em boa medida, todos queremos realizar algo importante, bonito, duradouro e capaz de atrair reconhecimento, aplausos, elogios. Faz parte do nosso desenho humano a necessidade não só de auto-aprovação como também a aprovação alheia, ter o nosso nome associado a algo positivo, correto e belo. É perfeitamente saudável exibir certa dose de narcisismo, sentir orgulho e gratificação, quando o nosso bom trabalho é devidamente reconhecido.

A produção intelectual é ardilosa, por ser flutuante e escorregadia. Ela oscila e tem caprichos. O que chamamos de inspiração é a capacidade de reter e ampliar, com um toque próprio e único, um *flash* ou um *insight*, uma coisinha de nada que atravessa o nosso pensamento e pode fugir. Boa parte dessa inspiração, porém, é fruto da nossa capacidade de concentração, de disciplina, de esforço mental e até de teimosia. Precisamos não de um dia bonito de céu azul, mas de uma boa dose de paciência para produzir alguma coisa interessante, para organizar raciocínios, transformar barro em tijolos e tijolos em casas. Nada nasce do nada e tese tampouco! A nossa capacidade de pensar ordenadamente necessita de treino, um fio condutor e estímulos concretos, que provêm em grande parte de uma boa bibliografia. Ah, mas reunir, ler, reler e analisar uma bibliografia decente consome tempo, energia e dinheiro. Por si só ela não garante um bom trabalho final, mas é impossível um bom trabalho sem uma boa bibliografia. Qualidade custa caro, mas economizar aqui pode custar mais e de forma irreversível!

Uma tese é mais que uma boa idéia, é, na essência, uma boa pergunta. E não existe tese na cabeça. "Eu já tenho tudo aqui organizadinho" significa que falta tudo, pois não é a idéia que será avaliada, mas a nossa capacidade de explicitá-la, analisá-la, construí-la, destruí-la. Não existe tese sem transpiração, sem rasgar papel, sem rabiscos, sem coleção de papeizinhos, sem mau humor, sem rabugice, sem parecer um pouco barata dedetizada... Em certos dias, nossas idéias estão mais claras, mais organizadas, com amarrações mais sólidas. Em outros, são as ruminações que dominam o palco; tentamos mudar de assunto, trocar de canal, falamos sozinhos, xingamos, tentamos dormir e continuamos ligados num não-sei-o-quê. Cada um descobre o seu jeito de lidar com isso, não tem fórmulas e, sim, aquilo que funciona com você. Não se envergonhe da sua extravagância, a capacidade de construir a sua saída pode ser estranha para os outros, mas você não precisa da permissão deles. Acrescente algo às já histórias criativas, divertidas e humanas, que só a nossa caixa-preta poderia explicar; mas ela nem sempre quer... talvez melhor assim!

Uma tese parece ter vida própria e expansionista. Uma das primeiras coisas que fazemos é tratá-la como uma pessoa, mas não uma pessoinha qualquer. Logo descobrimos que essa tal pessoa é caprichosa, cheia de vontades, uma bichinha dominadora e autoritária que quer nos sujeitar (o que acontece na maioria das vezes). Aprendemos a lidar com ela como uma intrusa que vem devagarinho e ganha espaço. No começo, humilde e tímida, fica circunscrita ao nosso posto de trabalho, depois ganha o sofá e, quando nos damos conta, a desavergonhada já nos acompanha até o banheiro e invade a nossa cama, disfarçada em forma de mais um livro, um caderno, uma folhinha de papel, com cara de inocente pousada na nossa cabeceira. Quando a nossa cama já tem um outro sócio, aí o circo está armado! Ele estará coberto de razão ao recusar-se a negociar com essa invasora. Exclua algumas áreas da casa das andanças da tese, caso contrário, você será transformado em vigia e vai ficar se perguntando: "Onde está este maldito livro? Esse miserável já sumiu de novo! Está brincando de esconde-esconde!" Crie juízo e tenha as dores apenas necessárias. Aproveite as muitas lições, que serão utilíssimas pelo resto da vida, e divirta-se consigo mesmo; ria, faça piadas e assuma a sua "anormalidade normal" temporária. Quando alguém lhe perguntar se você é doido ou está treinando para isso, responda: "estou fazendo tese". Pode ser que você encontre mais um cúmplice, que seja generoso e dê-lhe bons conselhos (sei que tem horas em que é tudo o que não queremos ouvir) ou pode ser apenas mais um chato sem causa, do qual você pode se livrar rapidamente falando sobre a sua tese. E por falar em chatices...

TEM-SE AINDA QUE CONSIDERAR QUE A TESE É PARTE INDISSOCIÁVEL DA FORMAÇÃO DE UM PESQUISADOR E QUE ESTE SERÁ UM ELEMENTO MULTIPLICADOR ONDE QUER QUE ELE ESTEJA.

NÓS, OS CHATOS

Mamãe me achava linda e inteligente; na época da tese, virei brilhante! Essas doação e cegueira absolutas não encontram muita concordância no resto do mundo. É claro que eu posso sempre considerar só a opinião de mamãe, às vezes, é crucial recorrer a ela, mas temos também que ouvir o que dizem os outros. Na maioria das vezes, não gostamos do que ouvimos, podemos ignorá-los e sair de fininho, fazendo a promessa de nunca mais conversar com gente inculta e ignorante. Se o nosso masoquismo agüentar um tiquinho mais e não mudarmos de assunto, ficaremos abomináveis, insuportáveis e perderemos o ouvinte para sempre. Não falo aqui do nosso orientador, que também tem o seu limite de crédito no céu e que, por isso mesmo, nos suporta mais que os outros e nos diz claramente quando não nos suporta.

Em algum momento da nossa tarefa, somos vítimas de um ponto de inflexão que magicamente nos transforma de "simpático e agradabilíssimo" em chato. Três fases, em particular, podem ser caricaturadas: a) "não me pergunte sobre a tese ou porque na minha tese..."; b) "pelo amor de Deus, não me convide..."; c) "a tese está me vigiando". Vejamos mais de perto o que acontece em cada uma delas.

No primeiro caso, temos uma alternância entre o mutismo e a verborréia. Colocamos na categoria de "inimigos" aquela pessoa que, sem o maior pudor e senso de conveniência, nos pergunta onde quer que nos encontre: "aí, como

vai a tese?" A nossa antipatia vai crescendo de forma exponencial e temos que nos proteger. Adotamos o silêncio disfarçado e falamos de outra coisa ou, perversamente, abusamos da paciência do outro de tal forma que ele fique logo intoxicado de nossa tese e nunca mais nos incomode com perguntas descabidas!!!

A recusa de falar sobre a tese pode ser uma retirada estratégica do nosso racional que precisa de um tempo para digerir tudo o que armazenou e recobrar as forças para lidar com a "encrenca": culpa por ter perdido tempo; medo de dar o primeiro passo e enfrentar o resto; insegurança quanto à direção a seguir; paralisia diante do assunto, seja porque encontramos uma bibliografia enorme, seja porque não encontramos nada; fuga, pois se falamos em voz alta estamos formalizando o nosso medo; racionalização: "trabalho bem sobre pressão e no final tudo dará certo, sempre foi assim comigo".

Por outro lado, em outros momentos, sentimos uma necessidade urgente de explicitar as nossas idéias; qualquer pessoa que cruzar a linha de fogo na nossa frente é uma vítima potencial; tal qual uma pessoa apaixonada só enxerga o seu objeto de adoração, a nossa tese transforma-se na coisa mais importante para nós. Vemos conexões e ganchos com todos os assuntos que qualquer mortal possa mencionar, temos respostas para tudo e sempre começamos uma frase assim: "na minha tese, eu trato disso quando..." Não tem a menor importância que o outro não esteja interessado nas nossas descobertas, falamos sozinhos, explicamos tintim por tintim, ignoramos os bocejos e a sonolência do azarado que temos em frente.

Por que nessa hora são poucos os que procuram o orientador para discutir as suas preciosidades? Talvez por ele não ser um ouvinte tão bom quanto o resto do mundo, talvez por ele esfriar um pouco o nosso entusiasmo nos fazendo enxergar o que ainda não estamos preparados para ver, talvez porque essa fase seja fundamental para a gente começar a clarear as idéias misturadas, talvez porque o interlocutor real seja o nosso próprio ouvido para os absurdos que dizemos em voz alta, talvez por outra necessidade da qual nem suspeitamos.

DESENVOLVER UMA TESE É UM ATO CRIADOR QUE, ALÉM DE CONHECIMENTOS GERAIS E ESPECÍFICOS, EXIGE UMA PACIÊNCIA QUE NEM TODOS ESTÃO DISPOSTOS A EXERCITAR.

Como as demais pessoas se tocam quando estão sendo usadas como platéia, elas começam a nos evitar e, não raro, mudam de calçada quando nos avistam lá longe... "Puxa, lá vem aquela figura!" Um dos meus orientadores, num desses meus ataques, me ouviu, ouviu, levantou da cadeira e foi para a janela, pôs as mãos na cabeça, respirou profundamente, me encarou e disse: "Você acha que sou Deus para ter respostas para isso tudo?" Foi tão espontâneo e tão à queima-roupa que demos uma maravilhosa gargalhada; lembramos disso como um dos momentos mais lindos da nossa relação!

A segunda fase, que se sobrepõe às demais, é aquela em que começamos a dizer "não" para todos os convites que recebemos. Uma parte dessa recusa é devida à nossa desorganização pessoal, indisciplina ou cronogramas fantasiosos que não resistem à dura realidade dos fatos. Como negligenciamos os conselhos que recebemos, especialmente sobre a organização da bibliografia consultada desde o começo, sobre a agenda dos outros, que não está à nossa disposição, sobre o tempo que passa "mais rápido" que pensamos, somos sempre surpreendidos por prazos que estão sempre vencendo.

Aí não podemos aceitar nenhum convite. Alguns são de trabalho, com contrapartida financeira, o que agrava o peso da recusa, pois dinheiro é problema sério, principalmente para quem vive de bolsa ou se desloca para outro estado ou país. Convidam-nos para um congresso interessante e ficamos tentados a escrever um *paperzinho* sobre aquele capítulo que já está pronto, mas isso é reduzir o tempo para os que ainda virão; sabemos que, se desaparecemos de vez, podemos ser esquecidos, se aceitamos tudo o que é interessante, arriscamos a não terminar a tese... dilema puro! Se somos casados, temos compromissos com o nosso parceiro, que, por compreensivo que seja, vai sentir-se um pouco abandonado e aceitar convites em nome do casal, mas vai ter que se virar sozinho; se temos filhos, esses cobrarão a atenção merecida e não querem saber dessa tal de tese, intrusa que veio se colocar no seu caminho... Nossos amigos, que sentem a nossa falta e não acreditam muito nesse negócio de tese, acabam por resolver a questão antecipadamente: "Ah, deixa pra lá, melhor nem convidar, o cara tá lá naquela coisa de tese." Verdade também é que alguns não suportam mais esse papo, outros

não suportam nos ouvir dizer que estamos pobres e não podemos acompanhá-los naqueles lugares caros, outros sabem simplesmente que vamos desfilar a nossa culpa cada vez que aceitamos um drinque...

A terceira caricatura é a da culpa. Não existe tese sem culpa, grande ou pequena, merecida ou não! A tese transforma-se num encosto, que nos acompanha para onde quer que vamos e não nos deixa em paz. Temos a nítida sensação de estarmos sendo vigiados. Quando não estamos completamente mergulhados na tese, fazemos a contagem do tempo em que poderíamos estar e isso se traduz em tempo perdido. Quanto maior é o prazer que temos nesses momentos de fuga, maior é a cobrança interna.

Aqui o nosso censor exerce a sua autoridade e rigor, dizendo-nos que "toda diversão será castigada". Esse sentimento de culpa encontra respaldo no mundo real da burocracia da escola e do trabalho, assim como conta com o endosso inconsciente de quem está se sacrificando ao nosso lado. É claro que se impomos sacrifícios aos demais, eles nos olharão acusadoramente quando resolvemos dar um tempo, contemplar o universo ou conversar com Dionísio.

É claro que o orientador é também um regulador e controlador institucional, ele tem o seu nome ligado ao trabalho e será responsável pelo que seu aluno fizer e principalmente pelo que não fizer. Quando um orientando desaparece, o orientador pode mandar um *e-mailzinho* perguntando algo assim: "Sumiu? O que você anda fazendo? Precisamos conversar..." Geralmente, os orientadores têm sensibilidade para saber que tipo de controle é mais apropriado a cada aluno: alguns precisam de uma marcação mais cerrada, enquanto outros precisam ficar mais soltos e funcionam melhor sem pedir a benção todo dia. Não concluir a tese é mais que perda de tempo e dinheiro para todos os envolvidos; atendo-me apenas ao aluno, é como se ele tivesse colocado o pé em uma posição mais elevada e tivesse que descer, pois a rigor não faz a menor diferença dizer: "sou graduado nisso e fiz os créditos do mestrado ou doutorado", você é só um graduado.

Enquanto está fazendo a tese, você é um gerúndio, um se fazendo e a sua vida é vista como progredindo. Quando um aluno não conclui o trabalho, ele perde o que iria conseguir e o que conseguiu durante o período de créditos... Para as instituições envolvidas, tudo será capitalizado como prejuízo nas suas estatísticas; para o orientador, será um fracasso pessoal.

DUAS OU TRÊS COISAS QUE PODERÍAMOS AINDA FALAR SOBRE ELA...

Toda tese tem uma história, que tem páginas engraçadas, alegres, divertidas e outras que são difíceis, pesadas, tristes. Aprendemos com todas elas e não são lições de consumo imediato, pelo contrário serão incorporadas na nossa vida. No limite, nós somos o maior objeto da tese, pois enquanto sujeito dela vivemos um embate de forças internas e externas que nos ensina muito sobre nós mesmos.

Fazer a tese significa não apenas dominar parte do conteúdo relacionado ao assunto, mas também dominar as nossas inseguranças, medos, escapes, defesas, ansiedades e angústias. Significa também experimentar um genuíno prazer e orgulho quando se escreve uma frase, um parágrafo, um capítulo maravilhoso. Significa aprender a valorizar as nossas conquistas e os apoios diversos que recebemos. Muitas vezes, esquecemos de agradecer as muitas pessoas e instituições que se fizeram presentes; isto é imperdoável! A tese é sua, mas ela teria sido impossível se você estivesse verdadeiramente só. Não é possível, no âmbito deste artigo, especificar mais detalhes sobre a grandeza, as delícias e os muitos preços de uma tese. Os preços são muito altos é certo, mas os prêmios também são.

CRIAR ALGUMA COISA SIGNIFICA TER HUMILDADE E DISPONIBILIDADE PSICOLÓGICA PARA TENTAR, EXPOR-SE, ERRAR, RECOMEÇAR, MODIFICAR, EXPERIMENTAR, OBSERVAR.

Quando estamos realmente abertos a maior autoconhecimento, podemos aproveitar as lições recebidas, pois elas são muito reveladoras. Serão parciais, é verdade, mas descobriremos que somos capazes de suportar conhecer as nossas limitações, conviver com elas ou procurar reduzi-las. A maior parte dos fazedores de tese sai dela muito, muito melhor do que entrou. Daí, ele vai integrar aquele grupo de cúmplices, dar conselhos que não serão ouvidos, emprestar a sua paciência aos "chatos" e pensar, generosamente e talvez com um risinho maroto, que ele também já foi assim... Existe uma beleza enorme nesse processo, trate de descobri-la e bem-vindo ao clube! ❍